

Costa, Hipólito José. *Diário da Minha Viagem a Filadélfia, 1798-1799*. Ed. Alcino Pedrosa. Lisboa: Imprensa de Ciências Sociais, 2007.

Em sua “Introdução” aos diários escritos por Hipólito José da Costa durante sua viagem aos Estados Unidos no fim do século XVIII, Alcino Pedrosa lembra que, por carregar o “estigma” de “mero relato de viagem” (28), o texto fora empurrado por mais de cem anos para a seção de manuscritos da Biblioteca Pública de Évora, até que Alceu Amoroso Lima o descobrisse e publicasse em 1955. Depois, outras poucas edições se fariam no Brasil, até que o Instituto de Ciências Sociais de Lisboa o trouxesse novamente à luz, nesta que é uma cuidadosa re-edição do *Diário da Minha Viagem a Filadélfia, 1798-1799*.

Entretanto, é exatamente no plano dos relatos de viagem que o texto de Hipólito da Costa pode e deve ser compreendido, desde que se perceba, é claro, o alcance político de sua jornada norteamericana, pautada não apenas pela curiosidade anedótica do viajante—sempre em busca do pitoresco da paisagem social e natural—mas também e principalmente pelo firme empenho em relatar aquilo que seria de utilidade para o Reino português, sob cuja chancela se dá sua viagem de dois anos à América do Norte.

Bacharel por Coimbra, apaixonado pela botânica e pela agricultura, o ilustrado Hipólito José da Costa, nascido na colônia de Sacramento em 1774, viria a celebrar-se como o autor do *Correio Braziliense*, jornal liberal publicado entre 1808 e 1823 (ano de sua morte) na Inglaterra, onde ele se exilaria depois da perseguição sofrida em Portugal, motivada especialmente por suas atividades maçônicas. Visto muitas vezes como uma espécie de precursor do espírito nacional brasileiro na imprensa, o Hipólito da Costa que se pode encontrar neste belo livro que aqui se resenha é anterior e, em certo sentido, ainda mais interessante que aquele.

É curioso acompanhar o jovem ilustrado (ele tinha apenas 24 anos de idade quando foi apontado por D. Rodrigo de Sousa Coutinho para a viagem de observação aos Estados Unidos) em seu deslocamento, desde a difícil saída pelo Tejo

até a chegada em Filadélfia e, depois, a viagem por terra a Nova York, através de Jersey, e até Providence e Boston por mar. São descrições miúdas, em que se mesclam o espírito científico do jovem observador, maravilhado pela vegetação, que vai classificando infatigavelmente pelo sistema de Linné, e seu esforço por descrever os costumes, a religião, a etiqueta, bem como as questões políticas e diplomáticas em que se envolve ao longo dos dois anos baseado em Filadélfia.

Sendo um livro de tantos e tão curiosos detalhes, não há, é claro, como listá-los aqui. Sirva apenas como exemplo o seu interesse pela “prisão hospital” (71) que os Quakers de Filadélfia dirigiam. A observação aguda do sistema penitenciário, e a impressão que lhe causam a rígida disciplina, a limpeza e a correção moral que ali reinavam, fariam a delícia de um moderno pesquisador foucaultiano. A discussão das penas, e da “morte civil” (expressão que reapareceria quase um século depois, no contexto do abolicionismo brasileiro, na pena de Joaquim Nabuco) dos presos, pode revelar muito dos quadros morais que informam a mentalidade das elites luso-brasileiras, a que pertence, afinal, Hipólito da Costa.

Destaque-se ainda o prazer (não será pecado senti-lo diante de um texto com pretensões sérias) que é acompanhar certas descrições de costumes, nas quais se revela, não poucas vezes, um estranhamento e quase um despeito. De fato, não são poucos os momentos em que a paisagem e as gentes se afiguram ridículas para o jovem ilustrado—momentos em que a balança da comparação pende invariavelmente para a Europa, e para Portugal em especial. Os Estados Unidos são para Hipólito da Costa um experimento social a despertar sensações fortes, que vão do desprezo à mais profunda admiração.

É ainda notável a presença, na paisagem que se descortina diante de seus olhos curiosos, dos resquícios da guerra da Independência, e o caldeirão das etnias que iam transformando os Estados Unidos. A questão feminina e a questão negra (negros elegantes, negros que votam, mulheres que se deslocam desacompanhadas dos maridos, etc.) vão se desenrolando diante do jovem viajante, cujo espírito aristocrático (é

sintomática sua relação conflituosa com o criado, ao longo da viagem), temperado porém por princípios políticos que se radicalizariam mais tarde, o faz recuar muitas vezes diante da raridade e da novidade do que vê.

É fundamental que o leitor deste livro, entretanto, o leia até o final, para compreender o balanço que rege a prosa de Hipólito da Costa. De um lado, o diário privado, que ocupa as mais de cem páginas iniciais, revela um enredo aparentemente simples: um viajante a cargo da Coroa portuguesa, interessado em relatar o que vê, em colher amostras da flora e da fauna e observar soluções técnicas e científicas que poderiam auxiliar o Reino. Mas, de outro lado, as cartas enviadas insistentemente a Portugal, e que ocupam as quarenta páginas finais do livro, revelam como que um enredo paralelo: o jovem que se queixa da penúria em que se encontra, da falta de instruções e respostas, e dos percalços que tem que enfrentar para fazer chegar às possessões portuguesas o material vivo (entre sementes e insetos) que ele tenta muitas vezes em vão recolher e preservar, antes de fazê-lo chegar a seu destino (o Brasil, principalmente). Enfim, nas cartas enviadas a D. Rodrigo Coutinho, revelam-se os planos mirabolantes para a circulação de saberes e a aquisição de sementes, ao mesmo tempo em que se pode notar o incômodo surdo do súdito que, obediente embora, nem sempre encontra na burocracia real o eco ao seu espírito dinâmico e expedito. Há como que dois textos aí: o relato da viagem (“Diário da Minha Viagem para Filadélfia”) e a relação dos seus bastidores políticos (“Copiador e Registro das Cartas de Ofício”), que permitem ademais compreender o antigo mecanismo colonial português naquilo que a historiografia moderna identificaria, justamente, como a sua crise sistêmica.

Trata-se de texto, enfim, indispensável, seja pela qualidade e curiosidade da prosa, seja pela história colonial que ali se colhe, em detalhes, no contraste com o cenário da nação americana então recém-fundada.

Pedro Meira Monteiro
Princeton University